

CAPÍTULO 5

Agroecologia em expansão: transformações sociais, ambientais e produtivas

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-44-2.c5>

Resumo

O crescimento da agroecologia reflete uma transformação profunda nas relações entre pessoas, comunidades e o ambiente, ao propor práticas agrícolas que conciliam produção, sustentabilidade e justiça social. Ao integrar saberes tradicionais e científicos, promove sistemas produtivos que fortalecem o solo, conservam a biodiversidade e valorizam as comunidades, contribuindo para a segurança alimentar. Sua expansão ocorre em diferentes contextos: na América Latina, por meio de cooperativas e redes comunitárias; na Europa, impulsionada por políticas públicas e programas de capacitação; e na Ásia, como alternativa à agricultura convencional e instrumento de autonomia local. Esse avanço evidencia a importância do apoio institucional, da educação e de políticas públicas na consolidação da agroecologia. Destacam-se, nesse processo, os incentivos econômicos, a formação técnica e a pesquisa interdisciplinar como elementos fundamentais para ampliar sua adoção. Além disso, o engajamento social e o consumo consciente atuam como forças que impulsionam transformações nos sistemas de produção e distribuição de alimentos. Mais do que um conjunto de técnicas, a agroecologia se afirma como uma filosofia de vida, ao articular sustentabilidade ambiental, equidade social e desenvolvimento humano, consolidando-se como um caminho estratégico para a construção de sociedades mais justas e resilientes.

Palavras-chave: Agroecologia. Sustentabilidade. Justiça social. Segurança alimentar. Políticas públicas. Agricultura familiar. Desenvolvimento comunitário. Consumo consciente.

5.1. A agroecologia como movimento global

O crescimento da agroecologia no cenário mundial constitui um fenômeno multifacetado que transcende dimensões estritamente produtivas, configurando-se como um movimento técnico, científico, social e, sobretudo, humano. Mais do que um conjunto de práticas agrícolas, a agroecologia vem se consolidando como um paradigma alternativo de desenvolvimento rural, fundamentado na integração entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos, na valorização da biodiversidade e no fortalecimento das relações entre sociedade e natureza.

Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura indicam que mais de 50 milhões de agricultores, em diferentes regiões do mundo, já adotam práticas agroecológicas. Esse número expressivo, no entanto, não deve ser interpretado apenas sob a ótica quantitativa. Trata-se de um indicativo de profundas transformações nos modos de vida rural, nas estratégias produtivas e nas formas de organização social. Por trás desses dados estão histórias de famílias agricultoras que, diante dos impactos socioambientais da agricultura convencional, como degradação do solo, dependência de insumos externos e riscos à saúde, optaram por trajetórias mais sustentáveis e resilientes.

5.2. Expansão regional da agroecologia

Na América Latina, especialmente em países como Brasil e Argentina, a agroecologia tem avançado de forma significativa, impulsionada por movimentos sociais, redes de agricultores, organizações não governamentais e instituições de pesquisa. A formação de cooperativas e associações tem desempenhado papel central nesse processo, promovendo a troca de conhecimentos, a construção coletiva de tecnologias sociais e o fortalecimento das economias locais. Além disso, observa-se uma relação direta entre a adoção de práticas agroecológicas e a melhoria de indicadores como segurança alimentar, diversificação produtiva e autonomia dos agricultores.

No contexto europeu, países como França e Dinamarca destacam-se pela institucionalização de políticas públicas voltadas à promoção da agricultura

sustentável. Nesses territórios, a agroecologia é frequentemente articulada com estratégias de transição ecológica, incluindo incentivos à produção orgânica, investimentos em pesquisa e extensão rural, e programas educacionais que integram sustentabilidade aos currículos acadêmicos. Tal cenário evidencia que o avanço da agroecologia está intimamente relacionado à presença de marcos regulatórios favoráveis e ao engajamento do Estado como agente indutor de mudanças.

Na Ásia, particularmente em Índia, a expansão da agroecologia assume contornos ainda mais complexos, envolvendo dimensões econômicas, sociais e ambientais. Em regiões marcadas pelo uso intensivo de agroquímicos, a transição agroecológica emerge como resposta às crises de saúde pública, à degradação ambiental e ao endividamento de agricultores. Nesse contexto, a agroecologia se configura não apenas como alternativa produtiva, mas como um movimento de resistência e reconstrução territorial, no qual comunidades buscam recuperar sua autonomia, preservar seus recursos naturais e ressignificar suas práticas agrícolas.

5.3. Políticas públicas e apoio institucional

Do ponto de vista teórico, o crescimento da agroecologia pode ser compreendido à luz de debates contemporâneos sobre sustentabilidade, resiliência socioecológica e soberania alimentar. A agroecologia dialoga diretamente com esses conceitos ao propor sistemas agrícolas diversificados, adaptados às condições locais e menos dependentes de insumos externos. Além disso, contribui para a mitigação das mudanças climáticas, por meio do aumento do sequestro de carbono no solo, da conservação da biodiversidade e da redução das emissões associadas à agricultura convencional.

Entretanto, é importante reconhecer que a expansão da agroecologia ainda enfrenta desafios significativos. Barreiras institucionais, limitações de acesso a crédito, insuficiência de políticas públicas consistentes e a forte influência do modelo agroindustrial dominante constituem entraves à sua disseminação em larga escala. Além disso, a transição agroecológica exige tempo, conhecimento e, muitas vezes, mudanças culturais profundas, o que

reforça a necessidade de investimentos contínuos em educação, pesquisa participativa e extensão rural (Figura 1).

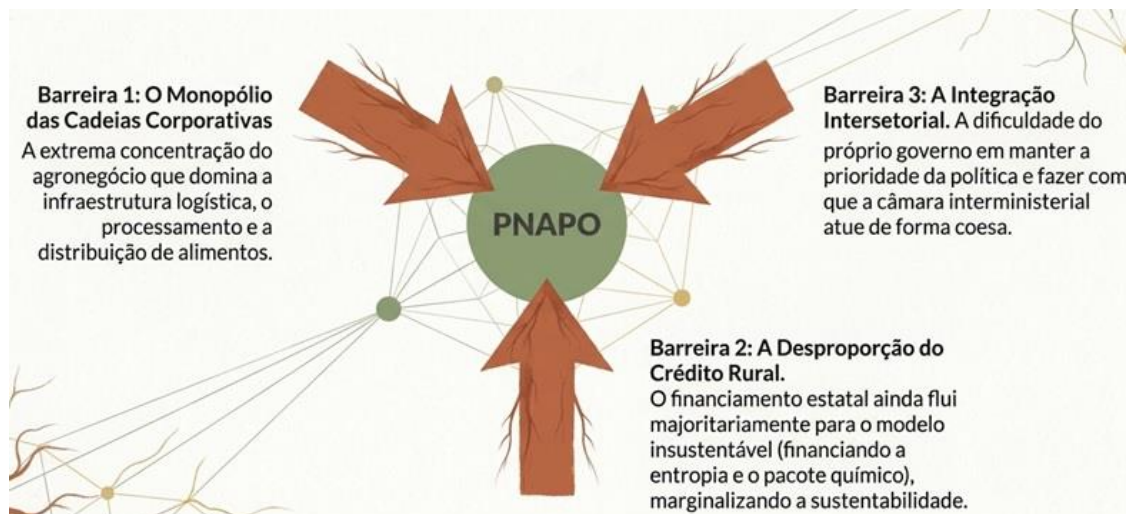


Figura 1. Os desafios institucionais: o que freia a transição. Fonte: elaboração própria (2026), com auxílio de IA (NotebookLM).

5.4. Justiça social e desenvolvimento comunitário

Ao humanizar os dados e compreender as trajetórias que sustentam esse crescimento, torna-se evidente que a agroecologia não se limita à produção de alimentos. Ela representa um projeto de sociedade, orientado por princípios de equidade, justiça social e respeito aos limites ecológicos do planeta. Assim, ao observarmos sua expansão global, percebemos que o que está em jogo não é apenas a quantidade de alimentos produzidos, mas a construção de futuros mais sustentáveis, solidários e integrados entre seres humanos e natureza.

A adoção das práticas agroecológicas está profundamente conectada a um conjunto de tendências sociais, econômicas e ambientais que refletem uma mudança de consciência global em relação à produção de alimentos. Nos últimos anos, à medida que cresceu a percepção sobre os impactos negativos da agricultura convencional, como a degradação do solo, o uso excessivo de agroquímicos e os riscos à saúde humana, a agroecologia emergiu como uma alternativa inovadora e transformadora. A demanda crescente por alimentos saudáveis, produzidos de forma ética e sustentável, não se restringe ao simples desejo de melhor nutrição: ela também reflete uma conexão cada vez mais

estreita entre consumidores e a origem de seus alimentos, reconhecendo o papel das comunidades que os produzem.

Um aspecto particularmente relevante desse fenômeno é a mobilização social em diferentes contextos culturais. Iniciativas coletivas têm se fortalecido, com comunidades organizando feiras, mercados de troca e redes de agricultura urbana e rural, que valorizam produtos agroecológicos e reforçam vínculos entre produtores e consumidores.

Essas práticas traduzem uma percepção crescente: a qualidade dos alimentos está intimamente ligada à saúde do planeta e ao bem-estar das pessoas. Além disso, a agroecologia tem servido como instrumento de transformação social, promovendo a redução de desigualdades, a diversificação econômica e a autonomia das comunidades rurais, especialmente na América Latina, onde a luta pela soberania alimentar tem impulsionado mudanças significativas no manejo da terra e na vida comunitária (Figura 2).



Figura 2. Estratégias governamentais para dar visibilidade à agroecologia. Fonte: elaboração própria (2026), com auxílio de IA (NotebookLM).

Em regiões da Europa e da Ásia, observa-se movimento semelhante, motivado pela preocupação ambiental e pela busca por alternativas à agricultura química intensiva. A conscientização sobre os impactos dos agroquímicos na saúde e no meio ambiente tem gerado um mercado crescente de produtos

orgânicos e sustentáveis, impulsionando mudanças estruturais na produção, distribuição e consumo de alimentos. Esse processo evidencia a capacidade da agroecologia de integrar dimensões econômicas, sociais e ambientais em uma abordagem sistêmica e resiliente.

5.5. Educação, pesquisa e inovação

Movimentos sociais, organizações de agricultores familiares e educadores têm desempenhado papel central na difusão da agroecologia, promovendo campanhas educativas, capacitação técnica e ações de *advocacy* (atuar para gerar mudanças). Nesse processo, a aprendizagem pela observação e pela experiência prática assume papel fundamental, especialmente a partir do contato direto entre agricultores no território. A convivência com vizinhos que já haviam implantado tecnologias, como as barraginhas nos municípios capixabas de Águia Branca e Atílio Vivácqua, evidencia um processo de construção do conhecimento baseado na curiosidade, na troca de saberes e na validação empírica.

Os relatos dos agricultores demonstram que a adoção dessas práticas não ocorre de forma impositiva, mas emerge do diálogo e da confiança construída nas experiências compartilhadas. Ao observarem os resultados nas propriedades vizinhas, muitos passam a reconhecer a eficácia das técnicas e se sentem motivados a reproduzi-las em seus próprios contextos (difusão por inveja). Esse movimento reforça a importância do saber prático e da experimentação concreta como elementos centrais na circulação de informações no meio rural.

Assim, o conhecimento sobre o Sistema Barraginhas se dissemina por meio de um processo educativo de caráter popular, diretamente vinculado à realidade local. A presença de histórias inspiradoras, seja nas comunidades ou nas redes sociais, evidencia que cada ação individual contribui para transformações coletivas. Esses relatos reforçam a dimensão ética da agroecologia: ela não é apenas técnica, mas também política, social e cultural, articulando comunidades e fortalecendo vínculos de solidariedade (Figura 3).



Figura 3. Difusão por inveja ou aprendizagem por observação. Fonte: elaboração própria (2026), com auxílio de IA (NotebookLM).

Para que o crescimento da agroecologia se mantenha sustentável e equitativo, é fundamental o comprometimento de todos os atores da cadeia produtiva, do agricultor ao consumidor. Políticas públicas têm se adaptado a essa realidade, incentivando práticas agroecológicas, promovendo pesquisa e extensão rural, e estabelecendo mecanismos de apoio à transição de sistemas convencionais para modelos mais sustentáveis. Esses esforços se tornam cada vez mais urgentes diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas, pela degradação ambiental e pela necessidade de garantir segurança alimentar global.

Assim, o crescimento da agroecologia representa mais do que um aumento na adoção de práticas agrícolas: simboliza a construção de um novo paradigma, baseado na ética, na solidariedade, na consciência ambiental e na valorização das comunidades humanas. Trata-se de um movimento capaz de transformar a produção de alimentos em um processo integrador, resiliente e regenerativo, reafirmando o potencial da agroecologia como instrumento de justiça social, sustentabilidade ambiental e promoção de qualidade de vida.

5.6. O papel do consumidor e da consciência coletiva

O crescimento da agroecologia não se restringe à adoção de técnicas alternativas de produção, mas envolve a construção de um novo paradigma social, ambiental e econômico, em que o agricultor, a comunidade e o meio ambiente são protagonistas. Países como Brasil, França e Índia têm desempenhado papéis de destaque, liderando iniciativas que buscam consolidar políticas públicas e programas de incentivo à agroecologia (Figura 4).



Figura 4. Protagonismo urbano e circuitos curtos. Fonte: elaboração própria (2026), com auxílio de IA (NotebookLM).

No Brasil, políticas de subsidiação para agricultores que adotam práticas agroecológicas representam não apenas um estímulo econômico, mas também um reconhecimento do valor estratégico dos pequenos produtores na construção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis. A formação de cooperativas e redes de agricultores tem se mostrado essencial para o fortalecimento comunitário, permitindo a troca de experiências, o desenvolvimento de tecnologias sociais e a criação de estratégias coletivas de enfrentamento às dificuldades do campo.

Na França, observa-se um avanço significativo na institucionalização de políticas públicas voltadas para a agroecologia, com programas de capacitação e formação técnica que buscam fornecer aos agricultores ferramentas práticas para uma transição efetiva. Tais iniciativas não apenas promovem a produção limpa, mas também fortalecem a qualidade de vida dos agricultores e das

comunidades locais, demonstrando que a sustentabilidade agrícola está intimamente ligada ao bem-estar social e ambiental.

O engajamento de organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), desempenha um papel estratégico ao fomentar a troca de experiências e a disseminação de conhecimentos sistematizados sobre agroecologia. Essa articulação global contribui para a criação de um arcabouço de políticas e práticas que permite a adaptação das estratégias agroecológicas às realidades locais, conectando agricultores, pesquisadores e formuladores de políticas em um esforço coletivo de transformação do sistema alimentar (Figura 5).

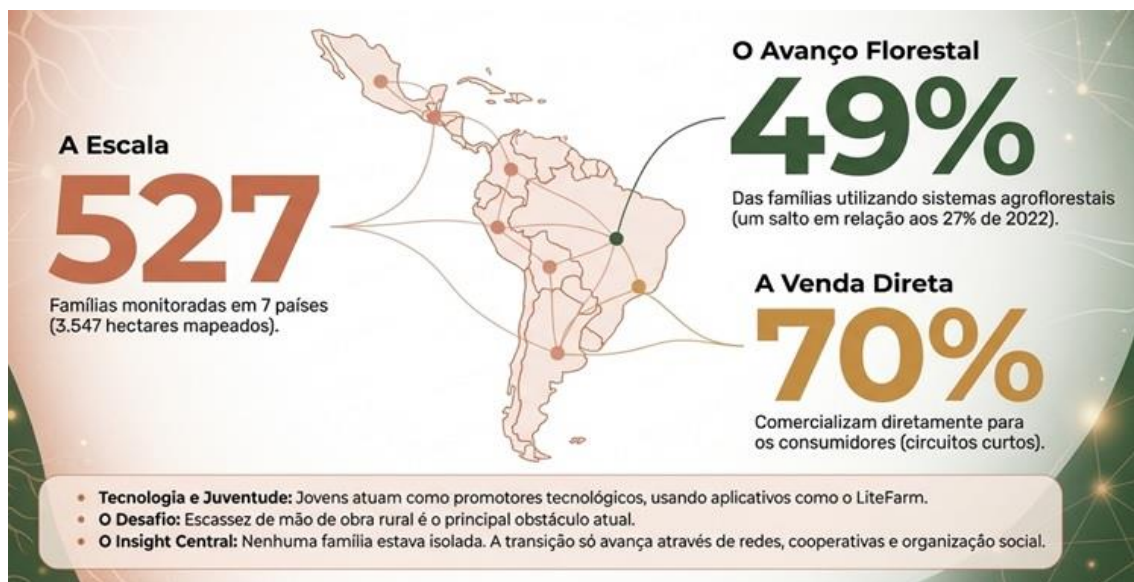


Figura 5. O protagonismo coletivo no campo. Fonte: elaboração própria (2026), com auxílio de IA (NotebookLM).

A adoção da agroecologia transcende o ato de cultivar. Envolve repensar a agricultura como eixo central para a saúde pública, a preservação da biodiversidade e a mitigação das mudanças climáticas. A transição para práticas sustentáveis também é uma questão de justiça social, promovendo autonomia, equidade e maior participação das comunidades rurais na definição de seus próprios destinos. Nesse sentido, os investimentos em educação, capacitação técnica e extensão rural são tão relevantes quanto os incentivos econômicos, pois garantem a consolidação de práticas duradouras e resilientes.

O impacto da agroecologia vai além da produção de alimentos. Solos saudáveis, manejados de forma sustentável, tornam-se ativos ecológicos valiosos, promovendo biodiversidade e resiliência nos ecossistemas. Ao mesmo tempo, comunidades que adotam essas práticas experimentam uma transformação social: agricultores reencontram vínculos comunitários, jovens se interessam por permanecer no campo e o conhecimento sobre técnicas sustentáveis se espalha de forma orgânica. Em várias localidades, essa mudança tem gerado um efeito multiplicador, mostrando que a agroecologia é tanto uma ferramenta de regeneração ambiental quanto de construção de comunidades resilientes, solidárias e conscientes de seu papel no futuro do planeta.

O movimento agroecológico evidencia, de maneira contundente, que a agricultura não é apenas uma atividade produtiva, mas também um espaço de construção social e justiça. A agroecologia se apresenta como uma filosofia de vida, que busca o equilíbrio entre seres humanos e natureza, garantindo acesso equitativo a alimentos saudáveis e promovendo segurança alimentar. Esse aspecto se torna particularmente relevante em contextos de desigualdade, onde a adoção de práticas agroecológicas permite às comunidades organizar-se em cooperativas e redes de produção e distribuição, reduzindo a dependência de grandes corporações e fortalecendo a autonomia local.

A consolidação desse potencial exige ações estruturais e políticas públicas consistentes. Governos e instituições têm papel central ao oferecer incentivos, capacitação e mecanismos de apoio que permitam aos agricultores transitar para práticas sustentáveis sem comprometer sua renda ou segurança. Exemplos inspiradores podem ser encontrados na Costa Rica, onde políticas de subsidiação direcionadas à agroecologia transformaram não apenas a produção agrícola, mas também a economia local, gerando empregos, fortalecendo comunidades e promovendo a preservação ambiental.

5.7. Agroecologia como paradigma de futuro

O futuro da agroecologia depende fortemente da educação e da pesquisa interdisciplinar. Universidades e centros de estudo têm contribuído com

técnicas inovadoras que conciliam saberes tradicionais e científicos, abrangendo áreas como biologia, sociologia, economia e trabalho social. A integração de diferentes campos do conhecimento é essencial para criar sistemas agrícolas resilientes, adaptados às condições locais e capazes de responder aos desafios globais, incluindo mudanças climáticas, degradação ambiental e desigualdades socioeconômicas (Figura 6).



Figura 6. Prova científica: resiliência climática real. Fonte: elaboração própria (2026), com auxílio de IA (NotebookLM).

Além disso, a agroecologia nos convida a refletir sobre nosso papel como consumidores. As escolhas alimentares individuais influenciam diretamente a produção agrícola e o bem-estar das comunidades. Ao apoiar produtos provenientes de práticas agroecológicas, promovemos não apenas a saúde do planeta, mas também o desenvolvimento humano e a justiça social.

Dessa forma, a agroecologia se consolida como um movimento multifacetado, capaz de transformar a produção de alimentos, as relações sociais e a gestão ambiental. Mais do que uma tendência, ela representa uma oportunidade de reimaginar a convivência entre seres humanos e natureza, promovendo comunidades resilientes, solidariedade e harmonia com o mundo que nos sustenta. Ao reconhecer a dimensão ética, ambiental e social desse

movimento, compreendemos que a agroecologia é, de fato, um instrumento estratégico para a construção de um futuro sustentável e equitativo.

5.8. Considerações

O crescimento da agroecologia revela-se como um fenômeno complexo, multifacetado e profundamente transformador, que vai além da simples produção de alimentos. Representa um movimento global capaz de articular dimensões ambientais, sociais, econômicas e culturais, ao mesmo tempo em que promove uma reconexão entre seres humanos, comunidades e natureza. Ao integrar saberes tradicionais e científicos, a agroecologia evidencia que a sustentabilidade não é apenas técnica, mas também ética e social, refletindo valores de equidade, solidariedade e responsabilidade ambiental.

As experiências observadas em diferentes regiões do mundo, da América Latina à Europa e à Ásia, demonstram que o sucesso da agroecologia depende de múltiplos fatores: políticas públicas consistentes, capacitação de agricultores, pesquisa interdisciplinar, apoio institucional e engajamento social. Cooperativas, redes de agricultores e iniciativas comunitárias têm mostrado que a agroecologia fortalece laços sociais, amplia a autonomia local e contribui para a segurança alimentar, evidenciando sua dimensão de justiça social.

A expansão desse movimento também destaca o papel central do consumidor, cuja conscientização e escolhas éticas podem impulsionar mudanças significativas nos sistemas de produção e distribuição de alimentos. Ao apoiar produtos agroecológicos, a sociedade participa ativamente da construção de um modelo de agricultura mais justo, resiliente e sustentável.

Apesar dos avanços, desafios persistem. É necessário ampliar o acesso à educação e à pesquisa, fortalecer políticas públicas e garantir que a transição para práticas sustentáveis seja economicamente viável e socialmente inclusiva. A agroecologia, portanto, é simultaneamente um caminho, um instrumento e uma filosofia de vida, capaz de transformar solos, alimentos, comunidades e relações humanas.

Em última análise, a agroecologia nos convida a reimaginar a agricultura como prática regenerativa e integradora, que une produção, cuidado ambiental

e desenvolvimento humano. Representa uma oportunidade concreta de construir um futuro sustentável, ético e resiliente, reafirmando que a transformação do campo é inseparável da transformação da sociedade como um todo.